

“Um estudo sobre mulheres e violências, focalizando a estética do antropólogo numa sociedade de risco”¹

Autora: Micheline Ramos de Oliveira
Doutoranda do PPGAS/UFSC

Resumo

Problematizar, a luz dos estudos de memória, os constrangimentos advindos de um campo em que o antropólogo vai pesquisar como a cidade é acomodada por famílias que vivenciaram e/ou vivenciam a experiência de eventos violentos, refletindo sobre a sua própria experiência, quer dizer, a experiência do próprio antropólogo de acomodação desses eventos violentos numa sociedade de risco: eis o mote dessa discussão. Aqui a idéia é fazer uma etnografia do ato etnográfico e das narrativas advindas da memória familiar atravessada por gênero e violência, demarcando que ao fazer uma etnografia da etnografia, a minha própria narrativa de antropóloga na cidade, como diria Durand (2000), passa a ser mais uma narrativa, mais uma forma de contar o tempo. Enfim, aqui problematizarei a memória como descontinuidade, fenomenologicamente como experiência, como tempo que dura, lugar em que os jogos da memória apontam para o cruzamento da experiência do antropólogo e da experiência do outro, lugar em a pergunta “descartianas” de quem pensa, cede lugar primeiramente para o que foi pensado e depois para quem pensa e por último a forma (Simmel) como se pensa.

Palavras-Chave: mulheres; violências; memória; estética do antropólogo.

Introdução

Partindo da idéia que uma “criação de ordem” está grudada ao ato do antropólogo em suas narrativas etnográficas arranjar “esteticamente a discordância dos instantes vividos que conformam uma existência humana numa lógica da concordância” (Rocha, 1995), pensa-se nesse artigo que as regras, convenções e valores constituintes do “recurso estilístico” utilizado pelo antropólogo na obra etnográfica, está indubitavelmente grudado a um contexto sócio-histórico-cultural dado, e definido, além de outros, pelo intermédio de sua “imaginação criadora”, por linhagens acadêmicas, menos ou mais flexíveis, seguidas pelos autores, enfim, suas adesões teórico- políticas, produtos e produtoras de poder².

Assim, essa discussão está ancorado na idéia solidamente defendida por (Durand, 2002) de que o imaginário marginalizado por uma longa trajetória intelectual ocidental racionalista,

¹ Trabalho apresentado na 26 Reunião de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto seguro, Bahia, Brasil.

² Creio que aqui algumas palavras de (Paul Rabinow, 1999:95) possam ser bastante elucidativas. Para o autor “Nós sabemos que ...a relação de poder existe, nos afeta, influencia nossos temas, formas, conteúdos e públicos. Devemos prestar atenção a estas questões, ainda que tão somente para estabelecer o seu peso relativo. Então, a exemplo do que aconteceu com a pesquisa de campo, quem sabe seremos capazes de lidar com questões mais globais”.

está muito distante de “ser um resíduo de um déficit pragmático”, aparecendo aqui, de acordo com a revelação de uma função fantástica, entre outros, como “a marca de uma vocação ontológica”, como atividade transformadora do mundo, como “imaginação criadora”, como “ordenança do ser às ordens do melhor”.

Seguindo essa lógica, não se pode compreender a importância do imaginário para os estudos antropológicos sem se levar em conta o caráter “espacial” do mundo simbólico tão bem explicitado por (Bachelard, 1994) e (Durand, 2002: 30-433), no sentido de que esse espaço se estabelece como a “forma a priori da criatividade espiritual” e ainda, o que pode ser fundamental para pensarmos na concepção de sujeito vinculada a noção de “trajeto antropológico”³, esse espaço se configura como a forma “do domínio do espírito sobre o mundo”. Nesse sentido, vale a pena citar as palavras do mestre:

...O imaginário não é mais que esse trajeto no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito, e no qual, reciprocamente, como provou magistralmente Piaget, as representações subjetivas se explicam ‘pelas **acomodações** anteriores do sujeito’ ao meio objetivo (Durand, 2002:41) (grifo meu).

E é partindo da idéia de “acomodação”, fundamental para essa discussão, que invoco para esse contexto os estudos de memória, considerada aqui, como descontinuidade, fenomenologicamente como experiência, como tempo que dura, lugar em que os jogos da memória apontam para o cruzamento da experiência do antropólogo e da experiência do outro⁴, lugar em a pergunta “descartianas” de quem pensa, cede lugar primeiramente para o que foi pensado e depois para quem pensa e por último a forma como se pensa.

Partindo dessa premissa fenomenológica, o “o que é pensado?”, o “quem pensa?” e o “como pensa?”, nesse caso são representados respectivamente pelos eventos violentos (o que?); pelo etnógrafo e por seus informantes (quem?) e o “como” vai ser composto pelos estudos das trajetórias sociais e itinerários urbanos grudadas as experiências vividas desses eventos violentos pelos informantes e pelo próprio antropólogo, e ainda, é importante salientar, pela soma da lógica do nativo e da epistemologia, matriz disciplinar e estética do antropólogo.

Assim os estudos sobre memória tornam-se cruciais por propiciarem a reflexão do antropólogo sobre si e sobre sua produção no contexto citadino, como já dito, aqui sustentada

³ (Durand, 2002 : 41), parafraseando a equação de Lewin diz que “...o símbolo é sempre o *produto* dos imperativos biopsíquicos pelas intimações do meio”, e que é a esse *produto* que denomina de “trajeto antropológico”, “...porque a reversibilidade dos termos é característica tanto do produto como do trajeto”.

⁴ Quando me refiro à jogos de memória, pensando no atravessamento das experiências vividas dos informantes e do antropólogo dialogo com as estudiosas contemporâneas sobre a memória (Eckert & Rocha, 2000:12), salientando esse ponto de suas reflexões: “À disposição de todos, a memória autoriza, assim, não só conflito de liberdades e sua afirmação, mas as trocas sociais e simbólicas que nela existem, e onde a consciência, seja coletiva seja individual, se consolida na sobreposição de diferentes esquemas de pensamento e linguagens”.

por valores estéticos e éticos, altamente vinculados as suas adesões teórico-conceituais, construídos coletivamente. Nesse ínterim, haveria:

...um encadeamento de situações históricas e de experiências comuns que refletem um vivido em nível da nação, da civilização, definidas como quadro social da memória coletiva ocidental...A consciência de si (do antropólogo) deveria sem dúvida, também ser apreendida na sua gênese. A memória coletiva dos indivíduos ocidentais é também a sua” (Norbert Elias in Bouurdarias in Eckert & Rocha, 2000: 9).

Dado o mapa, o caminho dessa discussão será percorrido por meio de dois pontos de reflexão, o primeiro deles terá um cunho mais etnográfico, trazendo narrativas de mulheres advindas de uma mesma família, representativas de cinco gerações que apresentam em suas trajetórias vivências atravessadas por gênero e violência.

Esse ponto será guiado pela concepção de “estrutura” vinculada a uma dinâmica transformadora e terá como objetivo nos permitir fazer uma discussão em torno da idéia da memória pertencente ao domínio do fantástico (Eckert & Rocha, 2000), capaz de “modificar o próprio campo imaginário” (Durand, 2002: 63), nesse caso, como veremos adiante, pressuposto fundamental para entendermos como essas mulheres agenciam suas vivências de violências indubitavelmente vinculadas a determinada forma de imaginação e “do conjunto das estruturas e dos regimes que ela subsume”(Durand, 2002: 64).

Já o segundo ponto, ensaiará, ainda que timidamente, uma reflexão sobre a importância de um método antropológico que traga em seus fundamentos a indispensabilidade dos estudos de memória que contemple o espaço fantástico como a forma de uma imaginação criadora constituinte não só das narrativas dos informantes, mas do discurso do próprio antropólogo, como bem já o disseram (Eckert & Rocha, 2005).

Por fim, será problematizado nesse item a urgência de que às investigações antropológicas voltadas para o campo das violências adiram a um método antropológico consciente do “...imenso papel que a função fantástica desempenha na investigação e na descoberta”, a medida em que é a “memória que autoriza em parte a reparação dos ultrajes do tempo” (Durand, 2002: 396), função fantástica que parece permitir nos termos de (Ricoeur, 2000) uma abertura do sentido para uma definição de si, “jogo último da ipseidade”, empresa creio essencial, nesse caso para aquelas que narram a dor e para o próprio antropólogo que tem que lidar com a dor de narrar a dor.

I- Mulheres atravessadas por violências: A Função Fantástica, o Destino e o Anti-Destino...

Nessa parte do artigo, narrativas serão expostas em dois blocos representantes de cinco gerações de mulheres de uma mesma família, que entre os idos de 1910 e 2002 tiveram suas vidas atravessadas e marcadas por eventos violentos. O primeiro bloco terá como protagonista Rebeca, sessenta e quatro anos que narrará a saga de sua avó Dalva, que na primeira década de 1900 foi assassinada pelo marido que logo depois se suicidou, na continuidade Rebeca discursará sobre a “infeliz” vida da mãe Zenaide que trouxe até pouco tempo antes de sua morte no próprio corpo as marcas advindas da violência física sofrida durante a maior parte de sua vida pelas mãos do próprio marido, e por último, Rebeca falará de sua própria vida, em que viveu mais de quarenta anos num relacionamento com um homem, onde estupro, pancadaria e exclusão configuravam a relação.

Dessa relação entre Rebeca e seu companheiro, nasceu Roberta, hoje com quarenta e cinco anos, a protagonista do segundo bloco dessa exposição, que foi, segundo suas próprias palavras, “abusada sexualmente” pelo pai quando tinha oito anos de idade, por um período de doze meses. Roberta também falará de Marta, sua única filha que com a idade de dezesseis anos foi espancada pelo namorado na frente de uma multidão numa praia do litoral sul do Brasil.

Ainda, antes do início, vale dizer que as fartas narrativas que virão a seguir, explicitando vivências de violências, compõem fragmentos vividos que pela capacidade fantástica da memória simbolizam uma totalidade no sentido de um tempo reencontrado, portanto negado (Durand, 2002).

O destino de Rebeca - neta de Dalva, filha de Zenaide, mãe de Roberta, avó de Marta...

Meu avô e minha avó casaram aqui no Brasil, vieram pequeninos da Itália, os parentes da minha avó Dalva fixaram residência em Rio d'Oeste e os parentes do meu avô em Timbó. A profissão do meu avô era feitor de estrada...na época tinha que fazer picadas, usavam picaretas, marretas...ali só passavam carro de boi, cavalos...Meu avô e minha avó se casaram em Timbó e fixaram residência na mesma cidade, isso logo na primeira década de 1900...Tiveram dez filhos....O meu avô ficava muito tempo fora de casa, porque ele tava fazendo esse trecho de estrada de Rio D'Oeste para o Alto vale...Então quando minha avó já tinha todos os dez filhos, o meu pai era o mais novo, ainda de colo, minha avó se aborreceu porque meu avô era muito violento, tava acostumado a lidar com índios, bugres...e a tratava muito mal, assim contava meu pai...Como os parentes dela moravam em Rio d'Oeste ela resolveu fugir para lá no período em que meu avô estava fazendo estradas...A mudança toda dela coube num burro de carga e num carrinho de boi...Demorou semanas para ela percorrer o trecho de Timbó até Rio d'Oeste...porque naquela época não haviam estradas, só picadas...tinha que derrubar árvores à machado para poder passar...tinha que derrubar as árvores bem rente a terra para a carroça passar e não virar...Quando ela chegou em Rio d'Oeste chegou muito pobre, mas muito pobre mesmo...Daí ela pegou um mato lá dos parentes dela, tirou árvores e construiu uma casa de varas de eucalipto e cobriu com palmeiras para poder morar...Ela e os filhos só não morreram de fome porque ela era uma pessoa muito dócil e sabia fazer de tudo um pouco...ela era parteira, se alguém fosse mordido por uma cobra eles iam chamar ela, se alguém se cortasse ou se ferisse ela fazia curativos...ela era uma espécie de médica da região, com isso ela sobreviveu...porque na época dinheiro não tinha, um pagava ela com uma galinha...um porquinho...contam que quando ela atendia as pessoas usava um avental bem branquinho...Mas passaram muita fome, muita fome mesmo...muita miséria...Os filhos adoeciam ela tinha que fazer o papel de médico, porque médico não tinha lá, só em

Rio do Sul, que ficava muito longe dali...ela foi criando os filhos assim...os mais velhos começaram a trabalhar com os outros colonos, fazer roça...eles mesmos começaram a plantar, ter os próprios bichinhos...ali ela tava sobrevivendo...tava feliz porque tava conseguindo sobreviver com os filhos...com miséria, mas conseguindo...Daí quando a filha mais velha ia casar meu avô veio para o casamento e resolveu ficar em casa...Ele viu que ela já tinha uma casinha, tava estabelecida...ele queria ficar...Na época ela foi falar com o padre que não queria mais o marido...porque ele só deixava ela grávida e voltava para estrada...batia nela...ela não queria ele de volta...Mas o padre disse pra ela que ela não podia deixar o marido, que tinha que aceitá-lo de volta, porque depois que casou tem que ficar junto até a morte...Na época não podia se separar tinha que conviver até morrer...Ele era muito violento, mas o padre insistiu e disse que ela não podia se separar de jeito nenhum...tinha que continuar vivendo com ele...Então, naquele mesmo ano, na noite de natal ele tinha chegado de uma daquelas viagens dele...a casa só tinha um quarto, o dos pais e as crianças dormiam no sótão...Pela manhã minha tia mais velha como era o hábito preparou o café e levou a primeira xícara no quarto para os pais...Quando minha tia chegou na porta do quarto minha vó veio se abraçou na minha tia e caiu...foi então que minha tia percebeu que a mãe era só sangue...daí ela começou a gritar...gritar...os irmãos todos começaram a gritar...O sobrinho da minha avó que tava na casa foi procurar ajuda...os vizinhos moravam longe...nessa confusão esqueceram de meu avô que deve ter saído pela porta dos fundos do quarto...na época o quarto do casal tinha uma porta que dava para a rua onde ficava a patente, já que não havia banheiro...Minha avó durou ainda dois dias...foi o tempo de ir até Rio do Sul buscarem o médico de carroça, quando ele chegou e fechou o peito dela onde meu avô tinha dado a facada ela morreu...Depois de alguns dias do enterro de minha avó alguns urubus encontraram o corpo de meu avô no meio de árvores perto da casa...o que tudo indica ele deve ter se arrependido e se suicidou com um tiro na cabeça...Quando eles acharam ele, ele estava em baixo de uma figueira...lá acharam o revólver dele no lado do corpo, fumo, canivete...ele botou tudo encostadinho na raiz da árvore e com certeza rezou, pediu perdão a Deus...porque foi num momento de raiva né...e a gente nunca entendeu porque, mas agora com o passar dos anos a gente começou a entender...ele vivia fora muito tempo...eu acho que foi por causa de sexo...porque ele era muito violento...agora a gente imagina isso, porque nunca ninguém falou claramente sobre isso...o meu também ameaçava me matar se eu não fizesse sexo com ele...os tios da minha mãe que eram da idade dele na época contavam como ela não queria mais ele, não queria ter relações com ele, ele achou talvez que ela tivesse outro... mas dizem que isso nunca foi comprovado e que ela não queria mais ter relação com ele porque ela não queria mais engravidar...ela não queria mais filho, porque ela criou os filhos sozinha...na época era muito difícil...hoje em dia você vai ali tem pão, tem tudo...naquela época não tinha nada...pra se chegar numa venda por exemplo, como era chamado antigamente, você tinha que andar quilômetros para buscar um pouquinho de açúcar, café... Pois é, porque ele se matou não pode ser enterrado no cemitério...era pecado...Aí começou a maldição da minha família...Depois desse acontecimento, os irmãos foram separados, os mais velhos casaram e levaram alguns irmãos menores para acabarem de criar, já o meu pai foi morar com a madrinha dele que era tia da minha mãe...(Alguns anos depois aconteceu uma outra tragédia...o irmão mais velho do meu pai que já era casado saiu para caçar e nunca mais voltou para casa, nunca mais foi encontrado, a hipótese que foi levantada na época é que uma onça pegou ele e levou para uma toca...)...Então o meu pai foi acabado de criar pela família da minha mãe Zenaide e foi por isso que os dois acabaram se casando...Ele e minha mãe moravam na mesma casa...A minha mãe conta que foi estuprada pelo meu pai, ficou grávida e casou...Isso foi na casa da minha tia mesmo...O meu avô materno não queria que o meu pai se casasse com a minha mãe mesmo ela estando grávida, isso porque na época diziam que a família do meu pai era amaldiçoada por causa do assassinato e suicídio de meus avós eles acreditavam que isso era uma maldição e que ou o filho mais velho ou o mais novo ia repetir a história, ou seja, como o irmão mais velho do meu pai tinha desaparecido restou pra ele a sina de ser a vítima da maldição...então meu avô materno tinha muito medo que meu pai fizesse o mesmo com minha mãe, assim ele não abençoou o casamento dos dois, o que na época era considerado muito grave...Então minha mãe casou muito pobre...a vida da minha mãe foi muito difícil, muito complicada...a primeira cama da minha mãe de casada era de capim...faziam morro de capim cobriam com pano e dormiam...Então por não ser um casamento abençoado meu pai teve que sair de Rio d'Oeste e foi morar em Pouso Redondo...É bom lembrar que nesse mesmo período as minhas tias, irmãs de meu pai tiveram uma sorte ruim também por causa do passado dos pais, uma delas morreu solteirona porque era difícil alguém querer casar com uma mulher que fosse filha de um assassino suicida, a única irmã que casou foi a mais velha delas que o fizera antes do ocorrido, e a outra também não pode ser freira porque não foi aceita pelo convento pelo pecado mortal e imperdoável que o pai cometera...Meus pais tiveram treze filhos, um casal de gêmeos morreu, dos outros onze que sobreviveram eu sou a sétima...A vida da minha mãe foi uma desgraça, ela morreu com noventa anos e ainda trazia no corpo as marcas das surras que o meu pai dava nela...O meu pai era muito violento, batia muito na minha mãe, com tudo que tinha na mão, quebrava tudo dentro de casa, vivia armado, tinha outras mulheres...Enquanto tava são tava tudo bem, mas quando bebia, enchia a cara e queria matar todo

mundo...Sempre quando ele bebia, principalmente na noite de natal dizia que queria matar meu avô, que não esquecia a cena de ver minha avó toda ensanguentada morrendo com um buraco de faca no peito...O meu pai era muito revoltado por causa disso...Quando ele não bebia era outro homem, era carinhoso com os filhos, era muito trabalhador, levava a gente onde fosse preciso quando a gente ficava doente e jurou que antes de morrer ia fazer com que todos os filhos aprendessem a ler e escrever, não queria que a gente fosse analfabeto como ele e minha mãe, dito e feito (nesse momento Rebeca se emociona e chora) todos nós estudamos quatro anos...Meu pai deixou o mais importante de herança pra gente, valores bons, como o de ser trabalhador, ensinou todo mundo a trabalhar e a não roubar, nem uma laranja a gente não podia tirar do pé do vizinho, se tirasse e ele visse fazia a gente devolver e pedir desculpas, muitas vezes isso aconteceu...Meus irmãos foram crescendo e casando quando eu tinha uns dezesseis anos e entendia um pouco mais das coisas e não aguentava mais ficar em casa e ver minha mãe sendo violentada resolvi ir embora de casa e morar Rio do Sul, já que era uma cidade maior e com mais oportunidades de emprego...Chegando lá, mal sabia eu que ia arrumar um inferno ainda maior pra minha vida toda...Quando eu vi eu não tinha mais onde morar, daí o Pedro que era taxista, boa pinta me convenceu que podia cuidar de mim, na época eu era virgem, magrinha, pequeninha, usava tranças, era uma menina indefesa e aceitei pensando que minha vida ia melhorar...quando fui saber, vi que ele era casado, pai de quatro filhos, muito mais rígido e violento que meu pai e lá tava eu toda enrolada com ele, não conseguindo mais sair...Dito e feito cumpri a sina da família...Meu destino tava traçado...A minha vida foi uma barra, a última palavra sempre era dele, ele me espancava, me obrigava a fazer coisas que eu não queria, me colocou a morar num quartinho onde só tinha uma cama e um caixote com duas mudas de roupa, eu só não passava fome, o resto era um inferno...tudo que eu queria na época era ter uma família para poder voltar...mas não tinha...até vinte um anos ele me obrigou a fazer muitos abortos...tudo num moquifo... uma velha que fazia...Até hoje não posso passar por aquela casa...Deus me livre...cada vez que saía de lá tinha muita hemorragia, não sei como não morri...saía de lá e ia direto pro hospital, lá ninguém sabia o que eu tinha, só um médico cuidava de mim e a pedido do Pedro mentia sobre para o resto do hospital sobre o meu estado...entre tantos abortos tive uma filha, Roberta e Antônio, o mais velho...Quando fiz vinte e um anos ele me levou para o hospital para fazer laqueadura, o médico me disse que fez aquilo não porque o Pedro pediu, mas porque não agüentava mais me ver chegar sempre no hospital naquele estado, perdendo sangue e sendo sempre internada com infecções e anemia profunda...Depois da cirurgia fiquei muito doente e fui pra São Paulo trabalhar e morar com minha irmã na casa de um médico cardiologista, nós éramos domésticas...nos seis meses que fiquei lá fiz tratamento, mas até hoje sofro por causa desses abortos...Depois até hoje eu não consigo dormir a noite porque ele me obrigou a ficar acordada durante anos a noite toda, isso na época em que ele era taxista e negociava mulheres entre alguns municípios de Santa Catarina e Paraná, ele vendia mulheres...achava elas pelas ruas, dava um trato, usava e depois vendia...Nessas viagens em que ele transportava essas mulheres me obrigava a ficar falando a noite toda para que ele não dormisse no volante, a minha garganta doía muito, mas eu não podia parar de falar, senão ele me batia...Uma vez, uma só vez ele tentou me vender, mas esqueceu que me ensinou a atirar, se não fosse isso talvez até hoje eu estivesse por lá...Foi em Ponta Grossa no Paraná, ele tava levando duas mulheres para um prostíbulo, quando a cafetina me viu disse que só ficava com as duas se ele me deixasse também, quando ele começou a me negociar consegui fugir para o carro, foi quando ele disse que ia me bater se eu não saísse do carro, o “coitado” se esqueceu que tinha me ensinado a atirar (isso foi outro martírio...quando ele me ensinava e eu errava o alvo, ou tremia ele me batia) quando ele foi me tirar do carro eu aponteí a arma pra cabeça dele e disse que queria ir embora...Olha eu atirava mesmo se ele não tivesse ido...Ele ficou com medo e me levou para um hotel, pois já era tarde e a gente tinha que dormir...chegando lá ele tirou a arma da minha mão e brigou muito comigo porque eu fiz ele perder um dinheirão, e disse que eu era tola de não confiar nele porque depois ele ia me buscar, nesse meio tempo, enquanto falava me espancava e fazia tudo de ruim...não sei como eu consegui fugir pra rodoviária, mas ele foi atrás de mim, eu com medo voltei pra casa com ele e continuei naquela vida...Também não dormia quando ele fazia eu ficar esperando ele nos jogos de sinuca que iam noite adentro, ele pedia um lanche pra mim, eu comia e ficava sentadinha esperando a noite toda...Foi assim que ele fez a fortuna dele...A família dele não sabe como ele ganhou tanto dinheiro durante a vida...só eu sei, eu que sempre fui a outra, a amante, eu sei, eu fui a outra por mais de quarenta anos e sei que Pedro fez a fortuna dele, como agiota, jogo de azar e principalmente tráfico de mulheres...Mesmo agora depois da morte dele eu vivo atordoada com a idéia de que de repente ela apareça para me enfernizar...É como eu falei, meu destino tava traçado...O meu único consolo é que minha filha e minha neta estão bem...

O anti-destino de Roberta - bisneta de Dalva, neta de Zenaide, filha de Rebeca, mãe de Marta...

...A minha infância foi muito complicada pois a relação dos meus pais era muito violenta, meu pai batia muito em minha mãe Rebeca, segundo eu soube, quando deu depressão nela, ela contou isso para uma tia minha, ele amarrava ela na cama, era violento, praticava sexo anal...barbárie...e ela tinha muito medo dele...ele colocou ela morar num quatinho e ali ela morou por uns tempos...Quando ela fez dezessete anos os dois brigaram muito e ela foi pra Rio D'Oeste pra casa de meus avós...no ônibus ela conheceu um moço que ficou muito interessado por ela e naquela noite ela acabou se envolvendo com o cara...no outro dia meu pai foi buscá-la e ela voltou pra ele e ela ficou grávida...pra todos os efeitos ele achava que o filho era dele...nasceu e nasceu loiro...meu pai é bem moreno...alguém falou pro meu avô que minha mãe teve envolvimento com esse cara do ônibus e de algum modo meu pai ficou sabendo...e fez com que ela abandonasse o menino...Já um tempo depois, um ano e meio mais ou menos, quando ela ficou grávida de mim, isso depois de abortar muitas vezes por mando dele...ele me quis e dessa vez ela é que não queria...então tentou me abortar umas quatro vezes, por isso ele surrava e espancava muito ela, enfim no meio dessa barbárie toda eu acabei nascendo...Só que aí eu nasci bem morena, a cara dele, daí ele teve “certeza” que o outro não era filho dele...tava feita a confusão...Aí o menino nunca pôde voltar...Ele mandou ela escolher entre ele, eu ou o menino...No meio disso tudo teve muita violência, muita briga...Enfim, quando eu tinha dois aninhos ela tava muito doente e foi embora para São Paulo, minha tia trabalhava na casa de um médico judeu, cardiologista, ela foi morar lá e trabalhar junto com minha tia...No início ela não me levou com ela, me deixou na casa da vizinha, pagava uma pensão para que a vizinha cuidasse de mim...aí eu tinha quase três anos e me lembro de bastante coisa...Eu lembro que a casa era de dois pisos, tinha uma escada redonda e eu ficava sentadinha ali na frente aos sábados esperando o pai me buscar para passear...Todo sábado que ele vinha me pegar ele vinha com uma namoradinha diferente, eu lembro que eu sentava no colo das moças...Depois de um tempo, mais ou menos quatro meses ela voltou de São Paulo me tirou dali e me levou pra minha avó e voltou para São Paulo...Eu lembro que quando eu tava na minha avó meu pai ia regularmente me vê, sempre colocava um dinheirinho no bolso da minha avó...lá era horrível...não tinha só eu e meu irmão de neto, tinha mais uns quatro netos...era uma sujeira, uma bagunça, só criança chorando...tinha só uma vaquinha pra sustentar aquilo tudo...meu avô só bebia...só dava briga...continuava batendo na minha avó...eu ficava doente...eu não podia vê aquilo...já fui criada no meio daquilo...ele pegava o facão...ia pra cima da nona Zenaide...eu gritava muito e eles não gostavam de mim porque eu era a única neta pretinha...O pai ia lá eles começaram a reclamar de mim...então ele chegou na casa dele falou com a esposa dele e ela com pena disse que aceitava me criar...Nisso alguém contou pra minha mãe e ela veio correndo de São Paulo e me levou com ela embora...Nessa época eu ainda não tinha sido registrada, nasci em 1962 e só fui registrada em 1965 porque ela tinha que viajar e me registrou, é claro, sem nome de pai...Fiquei morando uns quatro meses na casa do médico onde minha mãe trabalhava, na ala dos empregados...A família tinha quatro filhos...e sabe como é, criança de rico, vêm uma criança do interior eles maltratam...eu era presa dentro do guarda-roupa, eles judiavam de mim...Daí a mãe me tirou daquela casa e pagou pensão na tia Ana, que morava numa casa de empregados numa mansão de uma chinesa...Essa tia Ana, morava com o marido e uma filha de quatorze anos...Eles me tratavam muito bem...Foi uma das poucas vezes que eu me lembro de ser bem tratada quando criança...Nessa época eu via minha mãe só nos fins de semana...Nesse meio tempo, que durou um ano, meu pai foi algumas vezes pra São Paulo, até que um dia eles resolveram voltar...Daí a gente acabou vindo embora e ele comprou essa casa aqui onde minha mãe mora hoje pra gente morar...Aí eu acho que eu comecei a compreender um pouco mais as coisas...daí eu comecei a ver como era a relação dentro de casa...A gente não podia sair de casa, nem eu, nem minha mãe, a gente não podia colocar os pés para fora do quintal sem a autorização dele, era uma vigilância enorme...se faltasse alguma coisa em casa, pra ir até a venda só com a autorização dele...se ele chegasse em casa...e ele não tinha hora pra vir...vinha todos os dias, principalmente na hora do almoço e no meio da tarde (amante, né?Ja viu...)...vinha uma, duas vezes por dia...a mãe não podia receber visita...ele era muito rígido...o olhar dele já dizia tudo...A partir dos sete anos de idade eu comecei a perceber a diferença que tinha entre a minha família e a família dos outros, foi quando eu comecei a frequentar a escola...Ele vinha pra casa geralmente a tarde...os dois se fechavam no quarto e eu não podia fazer barulho...tinha que brincar na rua...Minha mãe era uma escrava, uma escrava do sexo na mão dele, na época era difícil eu entender isso...eu só percebia algumas diferenças...Aparentemente ela era uma mãe boa...quando ele saía de casa, ele não tinha batido a porta do carro ainda, ela vinha pra cima de mim e me arrebatava...ela era muito violenta...me surrava com qualquer coisa...me dava com os pés...me dava com corda...eu vivia cheia de marca e de vinco...era uma violência absurda...Hoje eu entendo, conforme se desse a relação dos dois no dia, ela não tinha como descontar nele e revidava em mim...eu era o saco de pancada

dela...Ela sempre me acusava, dizia que a culpa da vida dela ser assim era toda minha, me acusava o tempo inteiro...dizia que a culpa era minha do meu irmão estar longe...eu não entendia o porque...eu fui descobri quando eu tinha dez anos de idade...numa conversa entre ela e minha tia, quando ela disse que se eu não tivesse nascido pretinha ele nunca tinha desconfiado de nada...Ainda lembro o que ela disse pra minha tia: “olha eu não precisava ta nesse inferno aqui, só to aqui por culpa dessa guria, essa praga foi nascer preta, se tivesse nascido branquinha como o irmão, a gente tava todo mundo junto, taí a prova do crime que ele não é irmão dela....Aí é que eu entendi...Ela também tinha raiva de mim porque dizia que eu traía ela com meu pai...Ela eu não consigo perdoar...Eu não queria e ela me obrigava a me deitar com meu pai todo dia depois do almoço...eu não queria...e ela me obrigava...eu sei que ela sabia o que ele fazia comigo...eu tinha só oito anos de idade.. ..Por um período eu só deitava do lado dele...depois ele foi passando a mão...nas pernas...na vagina...não foi agressivo...digamos que foi uma violência trabalhada...houve a penetração, mas de uma forma estimulada...eu sentia nojo...mas me sentia também amada...porque tava perto...era um carinho do pai...esse tipo de sentimento...isso me causava repulsa...eu não queria assim...eu empurrava...não era assim que eu queria...sai, sai, eu empurrava ele...hoje eu não consigo ter raiva dele...eu sinto pena da pessoa...eu vejo muito filme de psicopata para tentar entender como é esse processo de violência...eu vejo que ele agia comigo para que isso não se tornasse um trauma e uma agressão...como se fosse uma coisa normal....hoje vejo que isso devia estimular eles, porque depois do que ele fazia comigo os dois se trancavam no quarto e transavam o resto da tarde toda...é como se eu fosse um estímulo...Isso durou por um ano....Só acabou quando um dia ela resolveu invadir o quarto, daí ela brigou comigo e com ele...mas ali só eu apanhei dele e dela....Acho que nesse dia ela deve ter se sentido culpada...porque lembro bem que nesse dia ele tava me penetrando e tava doendo muito, então eu gritei, gemi, ela deve ter ouvido e resolveu acabar com aquilo...depois daquilo ele nunca mais me tocou...Hoje o que sobrou disso tudo é a exclusão e preconceito que eu ainda sofro na cidade por ser uma bastarda...Mas enfim to transcendendo tudo isso...me recuperei ...eu vejo que a dor agora não é mais determinante...agora eu consigo ver algo positivo dentro dessa negatividade toda...eu vejo a importância disso ...de uma forma ou de outra eu acho que eu consegui utilizar tudo isso para me transformar numa boa psicóloga...foi na psicologia que encontrei explicação para essa minha trajetória...tanto na psicoterapia, como na faculdade de psicologia que to acabando de cursar...Isso me ajudou a entender essas dificuldades, essa vida intensa que agente teve...eu consegui explicação pra essas coisas...eu não entendia porque o preconceito, porque exclusão...eu não tinha uma explicação teórica, científica sobre isso...e isso me ajuda...me dá subsídios pra que eu lute contra a exclusão e o preconceito...por isso eu escolhi trabalhar no presídio...por isso eu busquei esse contexto pra trabalhar...por isso eu vou pra uma favela...por isso eu quis entrar no conselho tutelar...porque eu sei as dificuldades que as pessoas passam...tem muitos profissionais que trabalham nessa área, mais tem muitos deles que por mais que estudem teoricamente não conseguem uma compreensão dessa realidade, porque não conhecem a concretude dessa realidade...porque eles não tem a base do que realmente é isso...eu acho que com a minha vivência eu tenho mais compreensão de entender a teoria e contribuir mais com ela nessa área...toda essa pesquisa pode ser embasada melhor porque tenho essa experiência...essa vivência concreta...nas veias...no sangue...quando a gente sentiu isso, viveu isso, a gente consegue entender melhor, consegue contribuir mais como profissional...penso que meu trabalho dentro do presídio ta dando certo por causa disso...porque como eu acreditei que eu poderia superar tudo...eu também acredito que eles também possam superar todas essas dificuldades...essa trajetória de vida difícil...enquanto puder lutar por isso...contribuir para que eles compreendam isso e que são capazes de superar...com certeza eu vou fazer de tudo para contribuir cada vez mais... E além do mais, se hoje minha filha Marta se formou, ta com um namorado bom , calmo, é porque com a minha experiência quando eu percebi que ela tava entrando numa fria há anos atrás, quando foi espancada covardemente numa praia pelo primeiro namorado eu tive argumentos convincentes para orientá-la e mostrar para ela que a vida dela não precisava ser assim, como foi da bisavó, da avó e parte da minha, se eu consegui superar, ela também podia, e hoje ela tá aí vivendo de uma outra forma...

Como podemos perceber, as próprias narrativas justificam num primeiro momento, as suas apresentações em dois blocos diferentes (“O destino de Rebeca” e o “Anti-destino de Roberta”), atitude nada aleatória e intimamente relacionada à idéia desses eventos violentos gravitarem em torno de “constelações de imagens” grudadas a “certos protocolos normativos das representações imaginárias...agrupados em torno dos esquemas originais” denominados aqui de “estruturas” (Durand, 2002: 63).

Estruturas, que por apresentarem formas dinâmicas, ou seja, estarem sujeitas “a transformações por modificações de um dos termos”, constituem “modelos” que podem servir tanto para a classificação- como vimos em ambos os relatos quando as duas informantes organizam e classificam suas narrativas de acordo com eventos violentos- quanto para “modificação do campo imaginário” (Durand, 2002: 63), como percebemos indubitavelmente na narrativa de Roberta, quando essa consegue modificar o sentido dado a violência, que aparecia em sua família por três gerações atrelada a idéia de destino.

Nesses relatos, fica claro que o narrar a dor só é possível em função da existência do “espaço imaginário” que agindo como “recurso supremo da consciência”, permite a Rebeca e a Roberta lançarem-se na esperança de sua perenidade, numa concepção do futuro inserido na memória, no sentido de uma ipseidade voltada para um devir.

Embora não compartilhem hoje do mesmo regime motivador de um conjunto de imagens vinculado às violências, cada uma das informantes ao seu modo é autorizada, por exemplo- a primeira pelo arranjo estético da lembrança de um pai saudoso e na esperança depositada nas novas gerações (filha e neta) e a segunda no engajamento com seu próprio projeto de futuro e de sua filha - pelo ato de rememoração a reparar os ultrajes do tempo (Durand, 2002), que se dá num movimento de abertura de sentido para uma definição de si para o indeterminado.

Continuando, nesse caso em que as narrativas são constituídas e constituintes de eventos violentos, pode-se pensar que essa capacidade de abertura de sentido para uma definição de si é para o próprio si o desejo de reconquistar, no nível concreto da ação, nos termos de (Ricoeur, 2000) a “contingência do mal”. Tornar-se capaz apesar da dor, apesar do mal, isso é aceitar e se deixar interpelar pelas injunções (morais, políticas, religiosas) que são apelativas no sentido de reconstituir numa narrativa a unidade precária da ação.

Nesse sentido, como podemos observar nas narrativas de Rebeca e Roberta, é preciso que, rendido a sua contingência, o “mal” vinculado às reminiscências de eventos violentos abra a possibilidade de uma narração pela qual o sujeito reconquiste sua unidade e sua solicitude de se reconstituir. Como já dito, “...em uma palavra, elaborar a experiência do mal de tal sorte que ela abra um lugar a um julgamento e a uma “atestação”, esse é o jogo último da ipseidade” (Ricoeur, 2000: 45).

Enfim, é partindo da máxima de que “longe de estar do lado do tempo, a memória, como o imaginário, ergue-se contra as faces do tempo e assegura, ao ser contra a dissolução do devir, a continuidade da consciência e a possibilidade de regressar, de regredir para além das necessidades do destino” (Durand, 2000 : 403), que pudemos por meio das narrativas de

Rebeca e Roberta, investidas de sentido, apreender as imagens de eventos violentos que as habitam, e a força que as mantém ou afastam de determinado conjunto imagético.

Movimento indispensável para quem se propõem insistindo com (Durand, 2000: 64) investir numa antropologia que se interroge sobre a forma comum que integra os “regimes heterogêneos” constituintes do campo imagético das violências no mundo urbano contemporâneo, e sobre a “significação funcional dessa forma de imaginação e do conjunto das estruturas e dos regimes que ela subsume”.

II- O Antropólogo no Limiar da Memória...

Chegando ao fim desse artigo, proponho agora fazer uma reflexão, em caráter iniciático, sobre o que implica para o antropólogo aderir a uma antropologia guiada pelos estudos de tempo, memória e do imaginário, como explorados ao longo desse artigo, a luz de (Bachelard, 1994), seu discípulo (Durand, 2002) e suas seguidoras brasileiras (Eckert & Rocha, 2000;2005).

Penso que, no momento em que a função fantástica do espaço passa a ser considerada em nossos estudos, a idéia de imaginação criadora passa a habitar não somente os trajetos antropológicos de nossos informantes, mas nossos próprios trajetos, revelando a capacidade criadora e ratificadora de nossa produção, que de modo ordinário torna-se construtora de realidade(s). Nesse sentido, penso aqui numa antropologia pautada por uma “...constelação de objetos visíveis, afirmações formuláveis, forças em exercício, sujeitos posicionados” (Gilles Deleuze in Rabinow, Paul.1999,pp15).

Ao considerarmos a imaginação criadora como imanente ao nosso processo de produção de conhecimento antropológico, não só ratificamos a idéia de ficção, como a colocamos no estatuto de etnografia, movimento creio, fundamental para não sucumbirmos a um cientificismo que pode ser encoberto por uma “certa arte da ficção dissimulada sob o véu de uma motivação realista” (Rocha, 1995).

Neste viés, ao pensarmos na produção do antropólogo como mais uma forma de narrar o mundo, estaríamos apenas reconhecendo aquilo que há muito, desde sempre, é um fato fundante de nossa disciplina: somos contadores de história, já que qualquer tipo de discurso humano, pode ser considerado como narração, compreendido como uma estrutura narrativa, se considerarmos a narração como o discurso humano básico.

Pensando os recursos que conformam a linguagem empregada pela antropologia, como uma expressão inegável, portanto, de uma poiésis (Rocha, 1995), ratifica-se a positividade de

assumirmos a ficção como constituinte de nosso métier. Aqui, vale a pena recordar que para Aristóteles⁵ a imitação tem validade cognoscitiva porque a poiésis não representa as coisas realmente acontecidas, mas “as coisas possíveis, segundo a verossimilhança e a necessidade”(aqui, a ficção anularia a “verdade”, neste momento entendida como uma pretensa fidelidade à experiência, e a substituiria pela criação de ordem). Tal como é encerrado pela narração etnográfica em antropologia, para Aristóteles, a ficção consiste na “ordem”, na “simetria” e numa grandeza que se preste a ser abarcada pela visão em seu conjunto.

Seguindo esta ótica, Rancière (1999) inspirado por Aristóteles, diz que a ficção, a poiésis, seria uma atividade em que a verdade factual não se colocaria, quer dizer, a ficção não se interessaria pela informação, já que, uma poiésis não seria validada pelas verdades dos conteúdos, mas pelas relações dos conteúdos. Então o que interessaria em última instância, seria a substância da relação entre os diversos elementos, lugar em que a ficção anularia a idéia de “verdade” e a substituiria pela “criação de ordem”.

Assim, ao nos colocarmos tanto quanto nossos informantes no limiar da memória, abrimos a possibilidade de pensar nossos próprios estudos antropológicos como mais um componente de um regime motivador de um conjunto de imagens que dura no tempo, construída e construtora, nesse caso, de uma imagética das violências numa dita “sociedade de risco” na contemporaneidade.

Referências Bibliográficas:

Bachelard, G. A dialética da duração. São Paulo: Editora Ática, 1994.

Durand, G. As Estruturas Antropológicas do Imaginário. Introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Eckert, C. e Rocha, A. L. C. da. O tempo e a cidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

Eckert, C. e Rocha, A. L. C. da. Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração. Porto Alegre: banco de imagens e efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2000. 15 f. (Iluminuras; n.4).

Eckert, C. e Rocha, A. L. C. da. A memória como espaço fantástico. Porto Alegre: banco de imagens e efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2000. 16 f. (Iluminuras; n.2).

Eckert, C. e Rocha, A. L. C. da. Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários urbanos e suas formas de sociabilidade.

⁵ (Aristóteles in Teles 1974).

Porto Alegre: banco de imagens e efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS,2000. 20f. (Iluminuras; n.15).

Eckert, C. e Rocha, A. L. C. da.Jogos de Memória. Porto Alegre: banco de imagens e efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2000. (Iluminuras; n.12).

Rabinow, Paul. Antropologia da Razão – Ensaios de Paul Rabinow/organização e tradução, João Guilherme Biehl. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1999.

Ricoeur, P. “Magazine littéraire”. Paris, n.390, septembre, 2000, 32 f.

Rocha, A.L.C. “Antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a floração de símbolos”. In: Horizontes Antropológicos, Antropologia Visual, Ano 1, 1995 , vol.2.